

Diana Botelho Vieira

piano

29 Out 2019
19:30 Sala 2

PRÉMIO NOVOS
TALENTOS AGEAS

Leoš Janáček

Memória (1928)

Fernando Lopes-Graça

In Memoriam Béla Bartók – Suite n.º 1 (1960)

1. Prelúdio
2. Marchinha
3. Idílio
4. Valsa Maluca
5. Endecha
6. Carrilhão
7. Dança Campestre

Sérgio Azevedo

Peças Rústicas, 2º Caderno (2018)

1. Prelúdio em Tocata
2. Despique
3. Jogo de Quintas
4. Garraçada
5. Canto
6. Grilos e Cigarras
7. Teimoso
8. Pífaros e Tambores

A extensa obra de **Fernando Lopes-Graça** (1906-1994) é dominada, desde o seu opus 1, pelo piano, uma vez que o compositor estudou com Vianna da Motta e adquiriu a grande escola alemã (vinda directamente de Liszt), que era a do seu mestre. No entanto, a música para piano de Lopes-Graça é singularmente desprovida do grande gesto romântico e do virtuosismo que ainda se encontra em Prokofieff e noutros compositores-pianistas do século XX. Frequentemente anti-climática, objectiva e anti-sentimental, baseada quer em melodias populares autênticas quer em melodias e ambiências inventadas dentro do espírito popular (o que se denomina vulgarmente de “folclore imaginário” e que dá o mote a este recital), a música de Lopes-Graça captou, melhor do que qualquer outra, os atavismos do povo português. O compositor húngaro Béla Bartók foi o seu grande modelo ético e inspiração musical, e foi a ele que Lopes-Graça dedicou uma série de oito “suites”, escritas em sua memória entre 1960 e 1975, cada uma mais complexa do que a anterior. A *Suite n.º 1* é a mais singela de todas e os seus sete andamentos utilizam, como nas seguintes, títulos arcaicos oriundos da expressão popular.

Leoš Janáček

Por um caminho frondoso, Série I (selecção) (1900-11)

1. Os nossos serões
2. Uma folha levada pelo vento
3. Vem connosco!
4. A Virgem de Frýdek
7. Boa noite!
8. Angústia insuportável
9. Em lágrimas
10. A pequena coruja que não chegou a partir

Sérgio Azevedo

Peças Rústicas, 1º Caderno (selecção) (1986, rev. 2018)

1. Dança de Roda
2. Cantilena
3. Gaio
5. Coral
4. Embolada

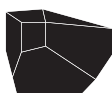
Leoš Janáček

Em memória... (1887)

Duração aproximada do recital: 50 minutos sem intervalo.

Sérgio Azevedo (1968) foi o aluno dilecto de Lopes-Graça. A sua primeira obra “oficial” e a primeira a ser estreada, em 1986, também para piano, foi uma “suite” de cinco *Peças Rústicas*, influenciadas, tais como as obras de Lopes-Graça, pelo espírito da música rural portuguesa. Escritas aos 17 anos, mostravam já qualidades que levariam Lopes-Graça a acolher o compositor como seu aluno particular, tendo-se criado uma amizade e uma confiança entre ambos que duraria até à morte de Lopes-Graça em 1994. Em 2018, 32 anos após a estreia, Sérgio Azevedo reviu essa série de obras e escreveu – dentro do mesmo espírito – um segundo caderno, dedicando ambos a Diana Botelho Vieira, sua mulher. Os títulos destas obras fazem também, como em Lopes-Graça, alusão a contextos populares, como festas, despiques, procissões e outros que, felizmente, teimam em não desaparecer mesmo sob a pressão niveladora dos nossos apressados dias.

Leoš Janáček (1854-1928) é talvez o maior enigma da música do século XX. Herdeiro dos nacionalistas românticos Dvořák e Smetana, se tivesse morrido, como Dvořák, em 1904, com



casa da música

MECENAS PRÉMIO
NOVOS TALENTOS AGEAS

AGEAS
portugal

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

SONAE

APOIO INSTITUCIONAL

REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

BPI

cinquenta anos, provavelmente nada mais dele restaria do que uma brevíssima nota de rodapé nos livros de história da música. Um amor tardio fora do casamento com uma mulher mais nova, a composição da sua primeira ópera bem-sucedida, *Jenufa*, e a criação da Checoslováquia em 1918 (entretanto desaparecida) operaram no espírito do compositor como que uma epifania sem igual na história da música: de epígono banal de Dvořák, passou a um modernismo vincadamente pessoal, reconhecível às primeiras notas, dentro do espírito da música popular morava. Porém, este compositor é o mais antigo de todos os que contribuíram para o modernismo do século XX, mais velho ainda que Debussy; mas quanto mais idoso, mais audaz se mostrava.

Em 1928, quando morre aos 74 anos, é um “velho-moço”, como gostava de responder aos que se admiravam com a sua juventude de espírito. Escrito entre 1900 e 1911, a década que assiste a essa transformação radical, o 1º caderno de *Por um caminho frondoso* reflecte sobre a sua vida (o título é, como frequentemente em Janáček, metafórico) e, principalmente, segue a par e passo a relação com a filha querida, Olga, desde os tempos idílicos dos serões em família até à sua precoce morte, em 1903, com apenas 21 anos. A última peça, “A pequena coruja que não chegou a partir”, com o seu assustado bater de asas inicial, o motivo ominoso em notas repetidas que se segue (reminiscente do tema do “destino” da 5ª Sinfonia de Beethoven) e o coral central “invadido” pelo tema do “bater de asas” (e que a este se submete, derrotado...) terminam o ciclo numa nota de desespero total. Janáček nunca mais será o mesmo, e a sua música também não. Datam também dessa época as suas primeiras anotações da entoação da fala dos camponeses, aquilo que se viria a chamar “melodia da fala”, melodias que se tornarão na base do pensamento rítmico e melódico do compositor, que chegou a transcrever musicalmente as últimas falas da filha moribunda. Esses apontamentos dramáticos chegaram até nós e são profundamente comoventes.

Em 1988, 60 anos após a morte do compositor, o filme de Philip Kaufman *A Insustentável Leveza do Ser*, baseado no célebre romance de Milan Kundera e acompanhado pela música de Janáček, ajudaria a tornar o compositor morávio verdadeiramente popular, nomeadamente o ciclo *Por um caminho frondoso*, cuja “Virgem de Frýdek” se tornou o “tema de Teresa” e o símbolo da felicidade de Tomás e Teresa, com que fecha o filme.

A rodear todo o recital, cronologicamente inversas, duas outras peças de Janáček relacionadas com memórias: a abrir, uma das últimas peças escritas pelo compositor, já em 1928; e a fechar, uma das poucas que sobreviveram do período inicial da sua carreira, escrita em 1887.

DIANA BOTELHO VIEIRA, 2019

Diana Botelho Vieira piano

Diana Botelho Vieira nasceu na ilha de São Miguel, Açores, em 1984. Tem-se apresentado em recitais de piano e de música de câmara em Portugal, Espanha, França, Estados Unidos da América e América do Sul. Foi laureada no Prémio Jovens Músicos (Antena 2) na categoria Piano, sendo também detentora do Búzio Revelação (Expresso das 9) e do Prémio Cultura (Correio dos Açores). Apresentou-se como solista com a Orquestra de Câmara do Conservatório de Ponta Delgada, com a Orquestra Académica Metropolitana e com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, sob a direcção dos maestros Yuri Pankiv, Jean-Marc Burfin e Nikolay Lalov. Dedicou-se à divulgação da música portuguesa, tendo lançado em 2018 o seu primeiro CD com música para crianças para piano de Sérgio Azevedo e, em 2019, um segundo CD a 4 mãos com Saul Picado (etiqueta mpmp). Presentemente é professora de piano na Academia de Música de Lisboa e no Conservatório de Música de Cascais. Teve como principais professores de piano Irina Semënova (Conservatório Regional de Ponta Delgada), Alexei Erëmíne (Academia Nacional Superior de Orquestra) e Ludmila Lazar (Chicago College of Performing Arts).

www.dianabotelhovieira.com